

Alves, S. (1997). Viagens na minha terra de Almeida Garrett: a função nacional e social da literatura.

*Millenium*, 8

---

**VIAGENS NA MINHA TERRA DE ALMEIDA GARRETT :  
A FUNÇÃO NACIONAL E SOCIAL DA LITERATURA**

**SÓNIA VANESSA SANTOS ALVES \***

\* Equiparada a Assistente do 1º Triénio ESEV - Pólo de Lamego

Segundo António José Saraiva, «deve-se (...) aos Arcades a primeira definição da literatura como função social e nacional, ideia que será essencial nos primeiros românticos. A campanha no sentido de fazer da literatura um instrumento de transformação nacional, e sobretudo a campanha para a criação de um "teatro nacional", são iniciadas com grande determinação por Garção, Figueiredo e outros Arcades: Garrett e Herculano limitaram-se a receber o facho.»<sup>1</sup>

Os conflitos políticos e as alterações na estrutura social nos inícios do séc. XIX tiveram como resultado significativo o conceder à burguesia e às camadas populares uma importância cada vez maior. É uma nova atitude perante a vida que surge, arrastando consigo uma nova concepção de literatura. A vida do escritor decorre agora em novos ambientes democratizados: círculos e tertúlias literários, cafés, salões literários, redacções de jornais. O mecenato está em decadência e o escritor começa a sentir a existência de um público, a considerar as suas necessidades e exigências. É neste aspecto que se afirma que «o Romantismo é, na sua raiz, o resultado do acesso das massas burguesas à literatura»<sup>1</sup>.

O próprio Garrett afirma, numa conferência ao Conservatório Real de Lisboa, em 1843, ser este « um século democrático: tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo ... ou não se faz. Os príncipes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa pública como sua; querem ir, como Eurípidés e Sófocles, solicitar na praça os sufrágios populares, não como Horácio e Virgílio, cortejar no paço as simpatias de reais corações. (...) Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama histórico, - no drama e na novela da actualidade ofereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por

cima, abaixo, ao seu nível, - e o povo há-de aplaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.»<sup>2</sup>

João Leitão da Silva, que, em 1818, passou a assinar oficialmente João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nasceu no Porto, no seio de uma família burguesa, em 1799. Governava então em Portugal o príncipe D. João (futuro D. João VI), visto a mãe, D. Maria I, ter enlouquecido (1792). Por altura das Invasões Francesas, sua família refugia-se nos Açores, mais propriamente na ilha Terceira; ao contacto que teve durante a infância com o património cultural popular, vem então acrescentar-se uma formação clássica evidente nas obras e no estilo que desenvolve ao longo da vida. Como mentor de tal formação destaca-se a figura austera e culta de seu tio, D. Fr. Alexandre da Sagrada Família, bispo de Angra<sup>3</sup>, que o inicia no estudo dos clássicos, os da Antiguidade<sup>4</sup>, os portugueses e também os franceses, italianos, espanhóis e ingleses.

Em Coimbra, para onde vai cursar Direito em 1816, contacta, de forma cada vez mais intensa, com as ideias liberais; o próprio Garrett afirma ter-se iniciado já na infância a sua simpatia pela ideologia liberal: «Desde pequeno que fui jacobino, já se vê; e de pequeno me custou caro. Levei bons puxões de orelhas de meu pai por comprar na Feira de São Lázaro, no Porto, em vez das gaitinhas ou dos registos de santos que os mais rapazes compravam ... não imaginam o quê ... um retrato de Bonaparte. / Foi enguiço - diria uma senhora do meu conhecimento que acredita neles; foi enguiço que ainda se não desfez e que toda a vida me tem perseguido. / Quem me diria quando, por esse primeiro pecado político da minha infância, por esse primeiro tratamento duro, e - perdoe-me a respeitada memória de meu santo pai! - injustíssimo, que me trouxe o mero instinto das ideias liberais, quem me diria que eu haveria de ser perseguido por elas toda a vida (...)»<sup>5</sup>.

É ainda na época de Coimbra que se inicia nas Letras, com discursos cheios de ideias revolucionárias, com odes à maneira arcádica e iniciando uma actividade de dramaturgo de feição clássica, com grande conteúdo político, como comprovam as tragédias *Lucrecia*, *Xerxes*, *Méroe* e *Catão*. Na Lírica de João Mínimo incluem-se já composições que reflectem a ideologia liberal, remetendo-nos para a primeira Revolução Liberal (1820) e sua conjuntura político-ideológica, documentada na Constituição de 1822, que se baseava na separação dos poderes e na soberania da nação.

Terminado o curso, em plena época de triunfo liberal, Garrett, adepto do vintismo, torna-se chefe de repartição da instrução no Ministério do Reino e prossegue, em Lisboa, com a sua actividade literária,

pautada por uma constante e prudente interpenetração do Neoclassicismo e do Romantismo, que virá a fazer dele «um escritor profundamente híbrido, recusando, na sua prática artística, esse «vício das escolas» a que João Mínimo se referia e que, em última instância, significava fidelidade rígida a valores e princípios estético-culturais»<sup>6</sup>. O próprio Garrett afirmara na "Notícia do autor desta obra" na Lírica de João Mínimo: «Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns sofríveis. Tenho queimado milhares, ainda aí tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vício das escolas: nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente clássicos, românticos? Quer dizer tolice e asneira sistemática debaixo de diversos nomes.»<sup>7</sup>

Porém, a reacção absolutista renascia, culminando, em 1823, com a Vilafrancada, contra-revolução que repõe o regime absolutista e origina perseguições aos liberais. Garrett exila-se então em Inglaterra, primeiro voluntariamente, depois como proscrito.

António José Saraiva afirma que «os primeiros grandes românticos são soldados da Revolução, emigrados que regressavam debaixo de fogo e romperam com todas as tradições, não apenas na sociedade mas na cultura, com vista a instaurar em Portugal um novo mundo ao nível dos países mais avançados da Europa»<sup>8</sup>. É precisamente nesta situação de exílio que Almeida Garrett contacta com o movimento romântico, de início na sua versão inglesa, lendo os autores mais em voga - «Byron, o poeta do individualismo, e Walter Scott, o evocador de uma Idade Média colorida e idealizada»<sup>9</sup> - e absorve as novas formas de expressão, as regras e os temas da nova estética. Parte em seguida para França em busca de emprego, o que não o impede de prosseguir com uma fecunda produção literária de que resultaram os poemas *Camões* (publicado em 1825) e *D. Branca* (publicado em 1826); estes poemas são unanimemente considerados como marcos da introdução do Romantismo em Portugal.

Garrett é autorizado a regressar ao país somente em 1826, após a morte de D. João VI e a outorga da Carta Constitucional por D. Pedro IV, que preconizava a liberdade e independência do país e a instituição de quatro poderes distintos: o legislativo, atribuído às Cortes; o moderador, confiado ao rei; o executivo, entregue também ao rei e exercido pelos ministros; o judicial, concedido aos juizes e jurados. D. Pedro abdica então a favor da filha, D. Maria da Glória, e D. Miguel, tendo jurado a Carta Constitucional, fica como regente. Neste período, Almeida Garrett mergulha de novo na vida política nacional e inicia uma intensa actividade jornalística. Todavia, é obrigado a exilar-se de novo em Inglaterra em 1828, já que D. Miguel regressara ao país e se proclamara rei absoluto. Integrado na expedição liberal que D. Pedro organiza nos Açores, colabora com Mouzinho da Silveira na preparação de importantes reformas

judiciais e administrativas; desembarca no Mindelo e toma parte no cerco do Porto, durante o qual nasce O Arco de Sant'Ana.

Terminada a guerra civil com a Convenção de Évora-Monte, em 1834, D. Maria II assume o trono e jura fidelidade à Carta Constitucional. No entanto, devido à crise económica que se vivia em Portugal, iniciam-se graves conflitos políticos entre dois partidos - os cartistas e os constitucionalistas - que levaram à formação e queda sucessiva de vários ministérios. Em 1836 dá-se a Revolução de Setembro, que leva ao poder os Constitucionalistas, então liderados por Passos Manuel<sup>10</sup>, a quem Garrett estava ligado por laços de amizade e de afinidade política. Com efeito, após o fim da guerra civil, começara na vida do escritor uma fase diplomática que decorrera em Bruxelas e na Dinamarca, durante a qual se iniciara na cultura alemã, recebendo particular influência de Goethe, Herder e Schiller<sup>11</sup>. Regressado a Portugal, empenhara-se na oposição ao movimento cartista e, depois da Revolução de Setembro, é encarregado de planear «a fundação e organização de um Teatro Nacional, o qual (...) contribua para a civilização e aperfeiçoamento moral da nação». A sua acção em favor do teatro foi uma das mais fecundas da nossa história. Mesmo depois da queda do governo de Passos Manuel, em Maio de 1837, continuou presente na cena política, nomeadamente como deputado.

Em 1842, deu-se a restauração da Carta Constitucional, proclamada por António Bernardo da Costa Cabral, ministro da Justiça, que ficou a chefiar o governo em regime de ditadura. Os Setembristas reagiram, mas sem resultado. Perante esta nova situação política no país, Garrett dedica-se a novos combates. A sua crítica, porém, não se dirige tanto à restauração da Carta, como ao governo ditatorial instituído por Costa Cabral.

É neste contexto de crítica social e política, veladamente orientada contra o regime cabralista, apoiado numa oligarquia financeira de "barões"<sup>12</sup>, que se inicia, em 1843, a publicação em folhetim na Revista Universal Lisbonense do «despropositado e inclassificável livro das (...)»<sup>13</sup> Viagens na Minha Terra.

Como realçou Carlos Reis, «quase logo no início, é o sentido da transgressão que aparece claramente afirmado, transgressão destinada a surpreender expectativas viciadas no consumo de narrativas de viagens estereotipadas»<sup>14</sup>. Com efeito, é o próprio narrador que anuncia com vaidade: «Estas minhas interessantes viagens hão-de ser uma obra-prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século.»<sup>15</sup> Apesar da ironia implícita em tal afirmação, é seguidamente desvendado ao leitor o sentido profundo do livro: « (...) a minha obra é um símbolo... é um mito (...)»; «Já agora rasgo o véu, e

---

declaro abertamente ao benévolo leitor a profunda ideia que está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagenszita que parece feita a brincar, (...); «Ora nesta minha viagem Tejo arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social (...)»<sup>15</sup>. Eis como Garrett anuncia a sua intenção e a grande variedade de temas que virá a abordar, tarefa que lhe terá sido facilitada pelo facto de a obra ter sido inicialmente publicada em folhetins de revista - «(...) de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica.»<sup>16</sup> -, daí que Carlos Reis considere este livro «irreduzível (...) ao estatuto da narrativa de viagens, (...) o resultado de um conjunto de viagens que transcendem o simples trajecto geográfico: viagens pela História, pela Cultura, pela Literatura, pelas Ideologias (...)»<sup>17</sup>. A este respeito, é de realçar a opinião emitida por Ofélia Paiva Monteiro: «(...) nas Viagens (...) (Garrett) adoptava já um assunto nitidamente contemporâneo, traduzindo na forma como postulava os problemas a sua capacidade para argutamente julgar a sociedade nova que ele próprio ajudara a construir.»<sup>18</sup>

Baseando-se numa «obra sobre a marcha da civilização»<sup>19</sup> escrita por Hegel, «um profundo e covo filósofo dalém-Reno»<sup>20</sup>, Garrett enuncia dois princípios que coexistem no mundo: «o espiritualista, que marcha sem atender à parte material e terrena desta vida (...) e que pode bem personalizar-se, simbolizar-se pelo famoso mito do Cavaleiro da Mancha, D. Quixote; o materialista, que, sem fazer caso nem cabedal dessas teorias, em que não crê, e cujas impossíveis aplicações declara todas utopias, pode bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança. / Mas (...) estes dois princípios tão avessos, tão desencontrados, andam contudo juntos sempre; ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas progredindo sempre. (...) Hoje o mundo é uma vasta Baratária, em que domina el-rei Sancho. / Depois há-de vir D. Quixote. / O senso comum virá para o milénio (...)»<sup>21</sup>.

Garrett apresenta assim uma «visão dialéctica da História»<sup>22</sup> baseada no conflito entre correntes de pensamento e mundividências opostas que se digladiam e sucedem, gerando-se desse conflito o progresso humano. De acordo com a ideologia exposta, poder-se-á então concluir que a vitória do Liberalismo e a consequente instauração de um governo de burgueses são etapas de um devir histórico que resultarão obrigatoriamente numa evolução da sociedade e da nação.

Nas Viagens, Garrett propõe uma versão moderna para o par simbólico D. Quixote / Sancho Pança: o duo frade / barão - «O frade era, até certo ponto, o Dom Quixote da sociedade velha. / O barão é, em quase todos os pontos, o Sancho Pança da sociedade nova»<sup>23</sup>. No entanto, o frade apresenta já uma adulteração do princípio de que devia funcionar como símbolo - o espiritualismo: «Ora o frade foi quem

errou primeiro em nos não compreender, a nós, ao nosso século, às nossas inspirações e aspirações; com o que falsificou a sua posição, isolou-se da vida social, fez da sua morte uma necessidade, uma coisa infalível e sem remédio. Assustou-se com a liberdade que era sua amiga, mas que o havia de reformar, e uniu-se ao despotismo que o não amava senão relaxado e vicioso, porque de outro modo lhe não servia, nem o servia.»<sup>24</sup>

Quanto aos barões (veja-se a nota 12), o Autor invectiva-os de forma acérrima - «(...) plantai batatas, ó geração de vapor e de pó-de-pedra, macadamizai estradas, fazei caminhos-de-ferro, construí passarolas de Ícaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa, como tendes feito esta que Deus nos deu, tão diferente do que a hoje vivemos. Andai, ganharpães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai.»<sup>25</sup> - e acusa-os de exercerem «toda a influência moral e intelectual da sociedade - porque não há de outra cá.»<sup>26</sup> E, devido a essa influência, «se exceptuarmos o débil clamor da imprensa liberal, já meio esganada da polícia, não se ouve no vasto silêncio deste ermo senão a voz dos barões gritando contos de reis.»<sup>26</sup> Garrett mostra-se, assim, severo na apreciação concreta do governo (oligarquia de barões) e no juízo sobre a competência dos que o compunham. Devemos ter em conta que estes juízos são formulados a respeito do regime de Costa Cabral, considerado pelo Autor como um «paternal governo de teu estúpido materialismo»<sup>27</sup>.

Garrett, que fora em 1820 um estudante entusiasta das ideias liberais, que lhes permanecera fiel durante o exílio, que corajosamente lutara por elas, que idealizara a reforma da literatura e da sociedade portuguesas, é agora forçado a admitir a falta de idealismo dos governantes liberais, obcecados com o aspecto material, obsessão essa que se estende a toda a sociedade, menosprezando e ignorando os valores espirituais. Neste sentido, esta obra apresenta uma visão lúcida, embora pessimista, das consequências da revolução liberal, aspecto que se estende à própria novela da Casa do Vale.

Carlos, personagem central da novela, é frequentemente encarado como um «desdobramento literário do próprio Garrett»<sup>28</sup>, pois, quer ao nível do temperamento, quer ao nível do seu percurso de vida, pode sugerir-se uma identificação desta personagem com o Autor: ideais liberais favoráveis ao constitucionalismo, exílio voluntário em Inglaterra, participação nas lutas liberais.

Carlos é um herói romântico criado à maneira de Byron, o tipo de herói anti-social. Vive uma história romântica de um amor destruído pela sua sensibilidade excessiva e dispersa; revela um duplo drama interior: o resultante do seu «excesso de potencial afectivo»<sup>28</sup> e o que nasce da deturpação dos ideais por que lutara.

Carlos fora um entusiasta, com um coração sincero e puro; a sociedade acabou por o transformar num céptico. Garrett desenvolve assim a teoria de Rousseau da dupla criação do Homem: existiria um "homem natural" e um "homem social"; é a corrupção da sociedade que leva à decadência do Homem. Devido à degradação psíquica levada a cabo pela sociedade, Carlos transforma-se num "monstro": refugia-se na indiferença, engorda, enriquece e acaba "barão" e deputado. O «drama da desistência, do suicídio moral de Carlos»<sup>28</sup> foi certamente vivido igualmente por Garrett: também ele sofrera o desencanto de uma geração que se batera por uma nobre causa e que verifica agora como a sua concretização se afasta dos ideais sonhados; também ele se torna deputado e, mais tarde, visconde.

O sentimento aqui patente é a frustração do homem que lutou por altos ideais, para os ver depois aviltados precisamente pelo triunfo da causa que os defendia. Os seus sonhos de justiça e liberdade ruíram no materialismo do regime e da sociedade que então se constituíram. No entanto, Garrett jamais se mostra arrependido da sua participação na revolução, nem abandona a sua ideia de progresso: «Porque, desenganem-se, o mundo sempre assim foi e há-de ser. Por mais belas teorias que se façam, por mais perfeitas constituições com que se comece, o status in statu forma-se logo (...). Esta é a oposição natural do Progresso, o qual tem a sua oposição como todas as coisas sublunares e superlunares; esta corrige saudavelmente, às vezes, e modera sua velocidade, outras a empece com demasia e abuso; mas enfim é uma necessidade.»<sup>29</sup>

Carlos Reis considera que «o lugar das Viagens no contexto do Romantismo português é também o de uma obra empenhada na transformação de uma sociedade atingida por mutações históricas consideráveis.»<sup>30</sup> Esta concepção da literatura como "espaço" de reflexão e transformação da sociedade, tantas vezes denunciada por Garrett nesta sua obra, leva-o a uma análise simultaneamente crua e irónica das modas literárias da época, suas influências, excessos e limitações, como se comprova no passo da descrição da estalagem da Azambuja: «Vamos à descrição da estalagem. Não pode ser clássica; assobiam-me todos esses rapazes de pêra, bigode e charuto, que fazem literatura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café de Moscovo... / Mas aqui é que me aparece uma incoerência inexplicável. A sociedade é materialista; e a literatura, que é a expressão da sociedade, é toda

excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho, rei de facto. Quixote, rei de direito. / Pois é assim; e explica-se. - É a literatura que é uma hipócrita (...)»<sup>31</sup>. O Autor condena assim o desfazamento entre a literatura e a sociedade que aquela devia reflectir, já que os princípios que regem cada uma delas são opostos. Assim, a literatura, que deveria assumir uma função social, refugia-se na hipocrisia, alienando-se da realidade, distanciando-se da verdade, subvertendo valores morais sociais e nacionais; além disso, manifesta uma grande falta de originalidade, na medida em que segue modelos estrangeiros, para mais estereotipados. Esta postura é categórica e orgulhosamente rejeitada por Garrett: «Não pode ser clássica, está visto, a tal descrição. - Seja romântica. - Também não pode ser. Porque não? É pôr-lhe lá um Chourineur a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rês e homem, quanto encontrar - uma Fleur-de-Marie para dizer e fazer pieguices (...) - e um príncipe alemão encoberto, forte no soco britânico, imenso em libras esterlinas (...) e aí fica a Azambuja com uma estalagem que não tem que invejar à mais pintada e da moda neste século elegante, delicado, verdadeiro, natural! / É como eu devia fazer a descrição: bem o sei. Mas há um impedimento fatal, invencível (...) é que nada disso lá havia. / E eu não quero caluniar a boa gente da Azambuja. Que me não leiam os tais, porque eu hei-de viver e morrer na fé de Boileau<sup>32</sup>. / Rien n'est beau que le vrai.»<sup>33</sup>

Garrett foi de facto um dos principais responsáveis pela introdução do Romantismo em Portugal, integrando simultaneamente o nosso país no novo movimento estético e cultural europeu. Fá-lo, no entanto, sem se deixar deslumbrar pelos valores da nova corrente: não abdica nunca dos valores da sua formação clássica, nem aceita ser incluído numa escola; um dos aspectos que mais explorou no Romantismo foi precisamente o individualismo, que foge a regras e prescrições.

A sua consciência da necessidade de levar a cabo uma reforma literária parte, não da sua faceta romântica, mas da sua formação arcádica. A integração no Romantismo europeu veio acentuar essa consciencialização e deu-lhe formas e temas apropriados: em Inglaterra, aprendeu nas trovas escocesas de Walter Scott, o criador do romance histórico impregnado de feudalismo medieval, a importância do folclore nacional; na leitura de Goethe e Schiller colheu a crença no retorno ao que é nacional, o amor da poesia popular antiga e o intento de unir Romantismo e Classicismo (veja-se a nota 11). O seu ideal estilístico era assim, e cada vez mais, a conciliação do moderno e do tradicional. Na "Introdução" ao Romanceiro defende a imperiosa necessidade de «popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras os tipos verdadeiros da nacionalidade



que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.»<sup>34</sup> Recomenda ainda o estudo das «nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas. (...) O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional há-de ressuscitar verdadeira e legítima (...)»<sup>34</sup>.

Nas *Viagens*, muito mais do que o facto real, o passeio geográfico que o Autor empreendeu, são fundamentais as constantes "viagens" pela arte, pela cultura, pela história, pela política, pela moral, que tão bem demonstram o seu amor por tudo o que é português. Garrett concebe a arte como expressão da sociedade e a literatura como reflexo da época; defende que o escritor deve estar obrigatoriamente comprometido com o seu tempo, envolvido na realidade, no que manifesta uma concepção típica do Romantismo. No entanto, este compromisso do escritor com a realidade não significa adesão: a obra de arte, a criação literária, deve incluir uma crítica terapêutica com o objectivo de melhorar, aperfeiçoar, corrigir. Tenta então exaltar o povo para a nacionalidade através dos valores populares: a novela da Casa do Vale é sobretudo uma história portuguesa, com os usos e costumes da nação; diversas vezes faz referência às crónicas e sagas portuguesas, mergulhando nas raízes da nossa cultura; apresenta xácaras e romances populares, revelando o seu gosto pelas coisas populares e simples, lamenta o estado degradado em que encontra o nosso património arquitectónico. Ao narrar a história de Santa Iria<sup>35</sup>, por exemplo, sublinha o aspecto nacional e folclórico da cultura.

Ao longo das *Viagens*, Garrett demonstra frequentemente a sua comoção perante um passado cheio de riqueza entregue a uma sociedade vil, corrupta e materialista, bem como o seu profundo apego a tudo o que é nacional. Em consequência, a reforma que pretendia tinha como objectivo último consciencializar todo um povo da sua rica herança do passado e da sua grande potencialidade para o futuro.

**NOTAS:**

1 António José Saraiva, "Génese do Romantismo em Portugal", in *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, Lisboa, ed. Cor, Vol. I, s/d, p. 132.

2 In *Obras Completas de Almeida Garrett*, Lisboa, 1904.

3 A influência que este seu tio exerceu no espírito de Garrett e o afecto que este lhe votou estão bem patentes no poema "A meu tio D. Alexandre da Sagrada Família": "(...)Tu, varão estremado, / Tu não morreste ainda no meu peito: / Tu que em minha alma tenra / As primeiras sementes desparziste / Das letras, da virtude, / Que à sombra augusta de teu nobre exemplo / Tenras desabrochando, / Cresceram quanto são.(...)", *Obras de Almeida Garrett*, Porto, Lello, 1963, Vol. 1, p. 1600.

4 "E Juvenal e Horácio, o meu Horácio, o meu velho e fiel amigo Horácio!", Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992 (2ª ed.), p. 224.

5 Almeida Garrett, op. cit. pp. 129 e 130.

6 Carlos Reis, *Introdução à Leitura das Viagens na Minha Terra*, Coimbra, Liv. Almedina, 3ª ed., 1991, p. 12.

7 In *Obras de Almeida Garrett*, Porto, Lello, 1963, vol. 1, pp. 1487-1498.

8 António José Saraiva, op. cit. p. 131.

9 António José Saraiva, op. cit. p. 133.

10 Passos Manuel, de seu nome Manuel da Silva Passos, foi um dos políticos mais destacados do Liberalismo português. Participou na revolução de 1820 e, depois da implantação do Liberalismo, integrou a facção radical que desencadeou a Revolução de Setembro; enquanto esteve no poder, teve uma actuação importante nos domínios da Educação e da Cultura.

11 A este respeito, afirma Jacinto do Prado Coelho: "Deles recebeu Garrett, além da crença nos génios nacionais e do amor da poesia primitiva popular (a autêntica, a mais bela, na sua concepção romântica), a ideia goethiana, muito cedo pressentida pelo nosso escritor, da união do Romantismo e do

Classicismo, ou, mais precisamente, «do profundo espiritualismo do pensamento com a expressão das formas clássicas» (...) o exemplo de Schiller e de Goethe decerto avivou e clarificou em Garrett a consciência de que o Romantismo era essencialmente, não uma escola com as suas regras e os seus lugares-comuns (pois neste sentido Garrett sempre se declarou anti-romântico), mas o culto do original e a plena afirmação da personalidade, acima de escolas, preconceitos e convenções." J. do Prado Coelho, "Garrett Prosador", in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes; 1977, p. 60.

12 "(...) o barão é o mais desgracioso e estúpido animal da criação. / Sem exceptuar a família asinina que se ilustra com individualidades tão distintas como o Ruço do nosso amigo Sancho, o asno da Pucela de Orléans e outros. / O barão (*Onagrus baronius*, de Linn., l'âne baron, de Buf.) é uma variedade monstruosa engendrada na burra de Balaão, pela parte essencialmente judaica e usurária da sua natureza, em coito danado com o urso Martinho do Jardim das Plantas, pela parte franchinótica e sordidamente revolucionária do seu carácter. / O barão é pois usurariamente revolucionário e revolucionariamente usurário. / Por isso é zebrado de riscas monárquico-democráticas por todo o pêlo. / Este é o barão verdadeiro e puro-sangue;" Almeida Garrett, op. cit. p. 150.

13 Almeida Garrett, op. cit. p. 253.

14 Carlos Reis, op. cit. p. 47.

15 Almeida Garrett, op. cit. p. 90.

16 Almeida Garrett, op. cit. p. 84.

17 Carlos Reis, op. cit. pp. 48 e 49.

18 Ofélia Paiva Monteiro, "Introdução a uma antologia das Viagens na Minha Terra", *Colóquio de Letras*, n.º 30.

19 Almeida Garrett, op. cit. pp. 90 e 91.

20 Ibid. Alguns autores, nomeadamente Jacinto do Prado Coelho, consideram a hipótese de esta referência ser relativa a Schelling, por ter sido o primeiro a atribuir ao Dom Quixote uma interpretação simbólica "da moderna luta entre o ideal e a realidade". Cf. J. do Prado Coelho, "A Dialéctica da História em Garrett", in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes; 1977, p. 78.

21 Almeida Garrett, op. cit. p. 91.

22 J. do Prado Coelho, op. cit., p. 79.

23 Almeida Garrett, op. cit. p. 149.

24 Almeida Garrett, op. cit. p. 151.

25 Almeida Garrett, op. cit. p. 96.

26 Almeida Garrett, op. cit. p. 152.

27 Almeida Garrett, op. cit. p. 93.

28 Ofélia Milheiro Caldas, "Introdução" a Viagens na Minha Terra, Coimbra, Atlântida, 1960, pp. 17 a 20.

29 Almeida Garrett, op. cit. p. 151.

30 Carlos Reis, op. cit., p. 60.

31 Almeida Garrett, op. cit. p. 97.

32 Boileau (1636-1711) representa, neste contexto, o ideal clássico da imitação disciplinada e racional da natureza, com recusa dos excessos da imaginação e afirmando a verdade artística como inderrogável princípio de criação artística.

33 Almeida Garrett, op. cit. p. 98.

34 "Introdução" ao Romanceiro, in Obras Completas de Almeida Garrett, Lisboa, 1904.

35 Almeida Garrett, op. cit. pp. 241 a 247.